



miguilim

revista eletrônica do netlii

volume 12, número 3, set.-dez. 2023

ENUNCIADO POSTAGEM NO FÓRUM STORMFRONT: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE JOVENS BRASILEIROS NO E PELO DISCURSO NEONAZISTA



UTTERANCE POSTING ON THE STORMFRONT FORUM: THE CONSTRUCTION OF THE IMAGE OF YOUNG BRAZILIANS IN AND THROUGH THE NEO-NAZI DISCOURSE

Marcos Alexandre Fernandes RODRIGUES
Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Kelli Machado da ROSA
Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Grenissa STAFUZZA
Universidade Federal do Catalão, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 27/03/2023 • APROVADO EM 09/10/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i3.839>

Este estudo surge a partir de uma investigação realizada no fórum digital *Stormfront*, fundado pelo ex-líder da Ku Klux Klan (KKK), Don Black. Nessa mídia digital, reúnem-se grupos neonazistas localizados em vários países que intercambiam valores ideológicos, culturais, históricos, econômicos e sociais. Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar três enunciados postagens do fórum (dois de 2010 e um de 2011), observando a construção da imagem de jovens brasileiros no e pelo discurso neonazista que, por meio do cotejo da historiografia do nazismo, reverbera posicionamentos da Juventude Hitlerista (década de 1930). O referencial teórico é pautado na perspectiva da filosofia da linguagem de Bakhtin (2015, 2016, 2017, 2018), de Volóchinov (2018, 2019) e Medviédev (2016), especialmente quanto aos conceitos de enunciado, interação discursiva e imagem. Já o referencial complementar, devido à complexidade do discurso neonazista, apoia-se nas contribuições teóricas de Denis (2014), Evans (2010, 2011, 2012) e Weikart (2021) no intuito de se refletir, em particular, sobre a historiografia da organização Juventude Hitlerista e, em geral, sobre o discurso (neo)nazista. Por último, compreende-se ativamente que os sujeitos, em seus enunciados postados no fórum, posicionam-se sobre descendência, etnia, sexualidade, sociedade e as cidades em que moram, de tal modo que, ao enunciarem, constroem uma imagem de si e do outro, reforçando relações raciais sócio-hierárquicas de superioridade e inferioridade.

Abstract

This study arises from an investigation carried out in the Stormfront digital forum, founded by the former leader of the Ku Klux Klan (KKK), Don Black. In this digital media, Neo-Nazi groups located in several countries meet and exchange ideological, cultural, historical, economic and social values. Therefore, the objective of this work is to analyze three forum posts utterances (two from 2010 and one from 2011), observing the construction of the image of young Brazilians in and through the neo-Nazi discourse that, through the comparison of the historiography of Nazism, reverberates the positions of the Hitler Youth (1930s). The theoretical framework is based on the perspective of Bakhtin's (2015, 2016, 2017, 2018), Voloshinov's (2018, 2019) and Medvedev's (2016) philosophy of language, especially regarding the concepts of utterance, discursive interaction and image. The complementary framework, due to the complexity of the neo-Nazi discourse, is based on the theoretical contributions of Denis (2014), Evans (2010, 2011, 2012) and Weikart (2021) in order to reflect, in particular, on the historiography of the organization Hitler Youth and, in general, about the Neo-Nazi discourse. Finally, it is actively understood that the subjects, in their utterances posted on the forum, position themselves on descent, ethnicity, sexuality, society and the cities they live in, in such a way that, when enunciating, they build an image of themselves and the another, reinforcing socio-hierarchical racial relations of superiority and inferiority.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Enunciado. Discurso Neonazista. Juventude Hitlerista. Fórum Stormfront.
Keywords: Utterance. Neo-Nazi discourse. Hitler Youth. Stormfront Forum.

Considerações iniciais

“[...] na vida a inter-relação ‘eu-outro’ não pode ser concretamente reversível para mim [...]” (Mikhail Bakhtin, *Estética da criação verbal*, 2017, p. 22, grifos do autor).

Ao estudar o tema aqui proposto, é preciso discordar da posição teórica e analítica de Andrad e Heck (2016, n.p.) ao definirem, em sua pesquisa sobre a organização neonazista santa-catarinense Valhala88¹, neonazistas como “pequenos grupos”, muito embora, segundo ressalvam, estariam mais estruturados e organizados do que teriam estado em uma década². Há de se assinalar que os pesquisadores parecem não considerar que, na verdade, trata-se de organizações cujo propósito é, segundo Rodrigues (2023a, 2023b), o de: i) alistar novos membros; ii) angariar fundos via criptomoeda; iii) ensinar ao seu auditório social a crença na superioridade/inferioridade racial; iv) negar a existência do holocausto; v) polemizar e compartilhar posições político-ideológicas extremistas; vi) atacar populações sociologicamente minorizadas; vii) alertar seu público-interlocutor acerca de um fantasioso genocídio branco; viii) hostilizar processos migratórios quando não lhes convêm; ix) alarmar a respeito de uma suposta globalização judaica de dominação mundial; x) exaltar um nacionalismo radical, expatriador e xenofóbico³.

Ao verificar suas manifestações digitais, constata-se haver uma rede que interconecta organizações neonazistas de diversos países, “[...] associando-se numa grande pan-neonazidade⁴ [...]” (Dias, 2018, p. 304). Esse fato é comprovável ao se

¹ É pertinente frisar que 88 não é uma escolha aleatória, uma vez que as letras HH ocupam a posição de n.º 8 no alfabeto, significando *Heil Hitler*; expressam, sobretudo, uma posição ideológica (racial) sobre si mesmo e o outro no projeto arquitetônico da organização. É o que Volóchinov (2019, p.121) denomina como “senha” que é “[...]conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social”. Essa escolha sinaliza para uma intenção estilística por parte de neonazistas ao enunciarem em seu campo social, de tal maneira que apenas quem estiver familiarizado com esses valores ideológicos pode compreender.

² A antropóloga Adriana Dias, que se dedicou a pesquisar o neonazismo no Brasil desde 2002, elaborou um mapa que aponta a existência de “[...] pelo menos 530 núcleos extremistas, um universo que pode chegar a 10 mil pessoas. Isso representa um crescimento de 270,6% de janeiro de 2019 a maio de 2021”, tal como aponta a matéria jornalística do G1 publicada em 2022.

³ Esse nacionalismo pode ser entendido como “[...] um componente fundamental das ideologias de direita. Partindo da idéia (sic) do darwinismo social e fundamentados em visões organicistas da sociedade (sic) os nacionalismos de direita exerceram uma violenta, xenófoba, e elitista exclusão aos antípodas de seus respectivos projetos de Estado” (Barbosa, 2008, p. 2). Emprega-se “expatriador” de modo proposital, tendo em vista que, em uma relação racial sócio-hierárquica, o “eu” tenta por vezes expatriar o “outro”, pois não obedeceria a uma visão idealizada tangente à etnia, à orientação sexual, à regionalidade/nacionalidade, à posição socioeconômica. Por condizer com uma “personalidade social” (Volóchinov, 2019, p. 281) presumida, o neonazista tem o projeto nacionalista de expulsão e segregação o negro, o nordestino, o LGBTQIAP+, o pobre.

⁴ Em termos gerais, “pan-neonazidade” não possui um conceito definido na dissertação e tese da antropóloga. Ao ser empregado, pelo contexto de uso nesse trabalho científico, pode significar a

verificar o blogue português Nacional-Socialismo em Rede que, enquanto mídia digital, lista páginas de organizações neonazistas instaladas no Brasil, Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, Itália, Portugal, Inglaterra, Alemanha, África do Sul. Além dessas questões, uma mesma organização, tal como *Blood and Honour* (Sangue e Honra, B&H – doravante) pode espalhar-se em vários cantos do mundo. Por exemplo, a B&H encontra-se, com facilidade, nos Estados Unidos, Canadá, Polônia, Hungria e Inglaterra, seu país natal. Antes de ser parte de “pequenos grupos”, é uma organização que possui recurso financeiro, tempo, planejamento e estratégias de recrutamento, até mesmo para a adaptação de seu material às condições culturais do lugar em que atua.

Dentro desse escopo, o presente estudo propõe-se a analisar, no fórum *Stormfront*, o discurso neonazista de seus usuários a partir do enunciado postagem. Para isso, notam-se o posicionamento dos sujeitos (jovens neonazistas brasileiros) e a construção de imagens sobre si e sobre os outros no processo de comunicação discursiva a partir das situações de interação no fórum. Esse fórum digital, a propósito, participa e corrobora um processo de divulgação de organizações neonazistas no mundo, visto que alista extremistas de variadas localidades geográficas, afrontando democracias, instituições sociais e humanidades, o que configura um grande “coro de apoio” (Volóchinov, 2019, p. 124), uma vez que reúne vozes sociais de diferentes apologistas do supremacismo branco que posicionam-se criminalmente contra a existência de negros, judeus, homossexuais, dentre outros grupos sociais.

O referencial teórico-metodológico subsidia-se na perspectiva filosófica da linguagem de Bakhtin (2015, 2016, 2017, 2018), de Volóchinov (2018, 2019) e Medviédev (2016) quanto aos conceitos de enunciado, imagem e interação discursiva para o cotejo (Bakhtin, 2017) dos processos históricos no enunciado postagem de fórum digital. Ao basear-se na natureza social da linguagem, os escritos desses pesquisadores entendem o diálogo como nodal para o processo de interação discursiva entre sujeitos e para a construção do enunciado. Ao cotejar aspectos históricos do discurso nazista, especificamente sobre o alistamento de novos membros e a doutrinação da crença na superioridade racial da Juventude Nazista da década de 1930, afere-se como essas questões aparecem nos enunciados coletados no fórum *Stormfront* publicados por brasileiros no período de 2010 e 2011. Como critério de seleção das postagens, é notal relevar: i) idade; ii) crença no orgulho branco; iii) impacto social.

Ávila (2019) apura que a proposta do neonazismo⁵ é manter o nazismo vivo, haja vista que, mesmo com o fim da Segunda Guerra Mundial, com o Tribunal

natureza “expansionista” do projeto neonazista que convoca supremacistas brancos de todo o mundo em nome de uma pretensa raça pura para eliminar o outro.

⁵ Para Andrad e Heck (2016, n.p.), os neonazistas mantêm a característica do ódio às minorias étnicas, judeus e homossexuais, presente no nazismo clássico. Os homossexuais são considerados aberrações por agirem contra as leis da natureza. O que é novo nesses grupos é a sua agressão contra nordestinos, que são as principais vítimas do ódio, tanto moral quanto físico. A segregação racial é adotada como prática devido às razões econômicas, uma vez que grande parte das classes trabalhadoras e pobres no Brasil é composta por descendentes de africanos, nordestinos e mestiços. Por questões de higiene e beleza ariana, esses grupos são considerados uma “sub-raça”.

de Nuremberg⁶ sentenciando crimes realizados pelos subordinados do Terceiro Reich, não foi possível impedir a ressignificação de sua doutrina em novos espaços-tempo envoltos de relações culturais, históricas, sociais, econômicas e políticas. Tal é, aliás, o motivo pelo qual estes analistas do discurso usam o prefixo “neo” (novo).

Por julgar o discurso neonazista complexo, porquanto formado por relações históricas, políticas, culturais, sociais, econômicas etc., reivindicam-se as palavras epigrafadas de Bakhtin (2017) que trazem, na relação entre o eu e o outro, a constituição do sujeito. Nesse ângulo, relevam-se as contribuições de Denis (2014), Evans (2010, 2011, 2012) e Weikart (2021), a fim de respaldar três enunciados postagens eleitos para a análise, considerando o cotejo da história do (neo)nazismo, com vistas a perceber a construção da imagem do jovem neonazista brasileiro no processo de interação discursiva no fórum *Stromfront*.⁷

Por fim, cumpre ressaltar que este artigo é composto por três seções. A primeira delas é denominada “Juventude Hitlerista: os mais jovens como braço direito do nazismo” na qual se discorre a respeito da historiografia do (neo)nazismo, com foco na Juventude Hitlerista. A segunda é designada “Enunciado e imagem: construções do eu a partir do outro” em que se discutem os fundamentos teóricos e metodológicos que embasam este estudo. A terceira é intitulada “Enunciado postagem neonazista em seus cotejos históricos”, em que se analisam os três enunciados eleitos para a análise. Alfim, entende-se que outrora os jovens alemães obedeciam às ordens do Partido Nazista. No entanto, os jovens de hoje, ao se expressarem nas redes, ressignificam sua imagem como uma versão contemporânea dos nazistas, defendendo um novo holocausto.

1. Juventude Hitlerista: os mais jovens como braço direito do nazismo

Ao se analisarem as pesquisas historiográficas sobre o nazismo e, em particular, a respeito da Juventude Hitlerista, é possível perceber que ela era uma organização formada por um conjunto de jovens que desempenharam um papel fundamental como o braço direito do nazismo na Alemanha, tal como é apercebido a partir do referencial teórico deste manuscrito. Com o apoio de Joseph Goebbels, esses jovens participaram da Grande Queima de Livros em 1933. Assim, o objetivo nesta seção é, ao traçar esse panorama histórico, verificar como os aspectos

⁶ Para Avila (2019, p. 27), o Tribunal de Nuremberg realizou julgamentos entre 1945 e 1949 nos quais oficiais do Partido Nazista foram acusados, incluindo também militares de alta patente, empresários, advogados e médicos que colaboraram com o projeto nazista.

⁷ Metodologicamente, é preciso discordar de Andrade (2014, 2016) e Dias (2007), no Brasil, e Carr (2015), nos Estados Unidos, pois suas pesquisas referenciam *links* que pregam crimes contra a humanidade. Muito embora a ABNT e os periódicos em geral defendam a referenciação do que é trazido para a pesquisa, é fundamental lembrar que, ao assim agir, no caso de trabalhos com este tema, facilita-se o recrutamento de novos membros por meio do artigo publicado. Se a proposta é defender os direitos humanos e lutar contra o racismo, tem-se de: i) disponibilizar os *links* às autoridades; ii) restringi-los ao grande público; iii) dar acesso a eles à equipe editorial do periódico se necessário para a comprovação do material utilizado. De outra forma que não for esta, está-se simplesmente participando da grande rede neonazista, auxiliando-a em sua missão extremista de alistar jovens e adultos para suas respectivas organizações.

históricos sobre a Juventude Hitlerista correlacionam-se com os enunciados postados por jovens no fórum *Stormfront*.

Nas pesquisas historiográficas, examina-se que os jovens estudantes que formavam a Juventude Hitlerista reivindicavam os “estereótipos arianos” (Denis, 2014, p. 59) como parte da construção “dogmática nazista” (Ingrao, 2015, p. 58) sobre si mesmos e para julgar os outros. Andrade (2016, p. 1), sobre o tema da dogmática nazista, acrescenta que: “O nazismo em sua estrutura tem como principal questão o arianismo (eugenia), a ‘purificação da raça’, pois apenas o ‘povo escolhido’ teria ‘direito’ a governar o mundo por sua ‘superioridade racial’, assim entendida por Adolf Hitler.”

De acordo com Evans (2010), entre 1927 e 1928, surgiu uma nova geração de ativistas (extremistas) nazistas que desempenhou um papel de destaque nos níveis regionais e local, uma vez que esses jovens tinham como inspiração a admiração a uma geração mais antiga de nazistas. Em 1929, Hitler tinha 40 anos, Goebbels, 32; Hermann Göring, 36; Gregor Hesse, 35; Gregor Strasser, 37; uma geração de líderes bem mais nova em comparação com políticos de cabelos grisalhos de outros partidos do *Reichstag* (parlamento).

Sobre esse aspecto, uma dessas proeminências para os jovens nazistas era Goebbels que, como líder regional de Berlim, proferia discursos agressivos, encenava brigas de rua, fazia provocações, o que, conforme preceitua Evans (2010), serviu para encantar a nova geração de membros do Partido Nazista. Esse nazista, com sua atividade permanente, almejava atenção da imprensa ao propagandear seus atos, o que incluía campanhas virulentas e difamatórias. Mesmo que isso tenha provocado sanções ao Partido de Hitler, tal como uma proibição de quase 1 ano, propiciou a admiração de uma nova geração de jovens ativistas. Em 1927, o Partido Nazista, vale lembrar, tinha cerca de 75 mil membros e 7 deputados no parlamento (Evans, 2010).

Os nazistas perderam 100 mil votos nas eleições de 1928 para o parlamento e fizeram 12 deputados na legislatura, entre eles, Gottfried Feder, Goebbels, Göring e Gregor Strasser, de acordo com Evans (2010). Em 1929, o Partido Nazista assumiu a cidade de Coburg, sendo que os nazistas conquistaram 13 das 25 cadeiras do Conselho. Hitler vivia em torno do culto da liderança que cresceu dentro do Partido. Foi adotada a saudação alemã *Heil Hitler* (Salve Hitler) com o braço direito teso e estendido com ou sem a presença dele. Ainda em 1929, houve um comício com uma grande exibição de propaganda assistida por aproximadamente 40 mil pessoas unidas em nome do líder. Nesse contexto, o Partido Nazista era uma organização com uma presença nos níveis regional, distrital e local com funcionários leais (Evans, 2010).

Mesmo que Hitler insistisse que a política era para os homens, surgiu uma organização de mulheres nazistas de nome “Ordem das Mulheres Alemãs”, fundada por Elsbeth Zander, em 1923, afiliada do Partido Nazista em 1928. De acordo com Evans (2010), a polícia estipulava que as filiações de tal organização somavam 4 mil no final da década. Em suas defesas, sobrepunha-se o seguinte: i) afastar mulheres da vida pública; ii) antissocialismo; iii) antifeminismo; e iv) antisemitismo. Além disso, havia o objetivo de: i) gestar um sopão para os camisas-pardas; ii) auxiliar nas campanhas de propaganda; iii) esconder armas e equipamentos de paramilitares nazistas ao serem inspecionados pela polícia; iv)

dar serviços de enfermagem para extremistas por meio da Suástica Vermelha - leitura nazista da Cruz Vermelha. De todo modo, essa organização colapsou em 1931 com acusações e contra-acusações de corrupção financeira. Obviamente que, mesmo sendo fanáticas, as mulheres nazistas enfrentavam o chauvinismo masculino, baseado na crença de que as mulheres precisavam estar na casa, e não na política.

Além do mais, havia uma organização para jovens de 14 a 18 anos de idade que foi fundada em 1922 (Evans, 2010). De início, chamava-se de “Liga Jovem do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães”. Em 1926, foi renomeada como “Juventude Hitlerista” com aproximadamente 1.000 membros em toda a Berlim. A maioria dos jovens era contrária à República de Weimar. Ao respaldar isso, tal como lembra Evans (2010), havia a organização “Liga Nacional-Socialista dos Alunos”, fundada em 1929 e a organização “Liga de Moças Alemãs” em 1930. Essas organizações perderam importância para a “Liga Nacional-Socialista dos Estudantes Alemães”, fundada em 1926 por Wilhelm Tempel.

Os nazistas, com seu projeto de dominação, assumiram a representação estudantil alemã, de acordo com Evans (2010). Em 1928, Baldur von Schirach mostrou-se importante ao movimento nazista, de tal modo que assumiu a liderança da “Liga Nacional-Socialista dos Estudantes Alemães”. Ele conseguiu, em 1931, assumir o centro da “União Geral dos Estudantes”, uma organização nacional. Nesse mesmo ano, ele se tornou o líder da “Juventude Hitlerista”.

Em 1933, como prossegue Evans (2010), houve uma campanha dos nazistas para as eleições do parlamento. Os recursos foram dirigidos para a pequena aldeia de Northeim. A oposição foi silenciada em tal localidade, pois atividades em favor dos social-democratas e comunistas estavam proibidas. Assim, alto-falantes na Praça do Mercado e na rua principal foram instalados, de modo que os discursos de Hitler pudessem ser apreciados/ouvidos por quem mais estivesse por perto. Na véspera da eleição, havia 600 camisas-pardas, homens da SS, dos capacetes de aço e a “Juventude Hitlerista” em uma parada à luz de tochas por Northeim. Nesse cenário, a estética nazista se fazia presente com bandeiras nas cores preta, vermelha e branca, além de pôsteres com a suástica.

No ano de 1933, como frisa Evans (2010), ainda em Northeim, organizações foram criadas para que, somente com a sua filiação, os trabalhadores continuassem com seus empregos devido a pressões do Partido Nazista ao assumir o controle de tal localidade. Alguns clubes e sociedades foram evidentemente fechadas ou, senão, dominadas. Nesse cenário, as associações profissionais foram fundidas às recém-fundadas “Liga dos Médicos Nacional-Socialistas”, “Liga dos Professores Nacional-Socialistas” e organismos semelhantes. Os clubes para os inválidos de guerra foram fundidos à “Associação Nacional-Socialista das Vítimas de Guerra”. Os escoteiros e a “Ordem Jovem Alemã” foram ajuntadas à “Juventude Hitlerista”, que, nesse período, realizou uma marcha com 100 mil de seus membros.

Em 10 de maio de 1933, consoante ressalta Evans (2010), estudantes alemães fizeram um ato extremista contra o que consideravam ser “anti-alemão” em 19 cidades universitárias da Alemanha. Pegaram livros nas bibliotecas encontradas, colocaram esses “livros não alemães” em praça pública e atearam fogo.

Evans (2011) assevera que a Gestapo pertencia a uma rede que vigiava, aterrorizava e perseguia possíveis opositores no seio da sociedade alemã na década de 1930, o que, certamente, compreendia a SA (tropas de choque do Partido Nazista), SS (inicialmente criadas para garantir a proteção pessoal de Hitler), Polícia Criminal, serviço penitenciário, serviços sociais, agência de emprego, categoria médica, centros de saúde e hospitais, Juventude Hitlerista, supervisores de quarteirão.⁸ Havia também agências de imposto, ferrovia e correios, formando uma rede que fornecia informações para a Gestapo. A “Juventude Hitlerista”, tal como os camisas-pardas e organizações estudantis nazistas, tinha também essa função de vigilância e erradicação de livros “não alemães” - judeus, pacifistas, marxistas.

A “Juventude Hitlerista” não apreciava o *swing*, preferindo a dança folclórica alemã⁹, como salienta Evans (2011). Estilos de dança como o *jazz* e *swing* não eram bem vistos pelo regime nazista, pondo que se fazia uma associação de sentidos de conotação sexual ligada principalmente aos jovens, os quais poderiam ser influenciados negativamente¹⁰. Decerto que, apesar disso, esses ritmos eram tocados em clubes, bares e festas particulares. Os “jovens swingers”, a propósito, desafiaram a ordem de Baldus von Schrach, de 1º de dezembro de 1936, de que todos os jovens alemães deveriam se filiar na “Juventude Hitlerista”. Nesses eventos, havia o trânsito de judeus, meio-judeus e não judeus nesses momentos dos *swingers*, o que afrontava a política racial do regime nazista.

Quanto ao catolicismo, a Gestapo começou, consoante Evans (2011), a vigiar atividades religiosas, tal como eventos em igrejas e possíveis opositores ao regime. Um dos objetivos era dissolver organizações católicas de jovens na “Juventude Hitlerista”, pois se queria controlar a geração mais nova para a construção de um futuro “ariano”¹¹. Nessa direção, o Baldur coagia pais a filiar seus filhos em sua organização, sempre criticando as organizações católicas. Evans (2011) traz o dado de que organizações católicas de jovens somavam 1, 5 milhão de membros em maio de 1934, o que lhes tornavam um alvo de confrontos com a “Juventude Hitlerista”. Essas organizações eram vistas como antinacionalistas.

A “Juventude Hitlerista” tinha ideias anticristãs, o que se estruturou no programa de doutrinação de novos jovens nazistas, tal como frisa Evans (2011). É o caso de um orador durante o Encontro da Liga de Estudantes Nazistas ao declarar que uma pessoa ou é nazista, ou cristã, visto que o cristianismo faria perder os vínculos racistas e de comunidade racial-nacional. A esse respeito, as

⁸ Havia a Liga de Combate pela Cultura Alemã de Rosenberg que ia na mesma direção dessas organizações mencionadas, bem como a Comissão Oficial de Censura do Partido Nazista, que analisavam publicações, censurando-as, a tal ponto que, em dezembro de 1933, mais de mil títulos haviam sido proibidos.

⁹ Para Andrade (2016, p. 7), em seu estudo sobre a organização neonazista catarinense Valhala 88: “A solução para o grupo é a destruição total do mundo moderno, considerado uma era de decadência, de modo que a culpa seria do sistema capitalista”. Isso é, na verdade, uma tradição herdada do próprio nazismo. Por isso, a escolha pela tradição folclórica alemã.

¹⁰ Acerca disso, é importante saber que os nazistas, a despeito disso, passam a fazer interpretações nazistas da cultura ocidental como meio de legitimar a recusa do ocidente, mas à sua forma (Denis, 2014).

¹¹ Ou seja, misturavam-se a filiação da “Juventude Hitlerista” e uma educação nazificada para a formação de uma nova geração.

crianças substituíam a palavra “Deus” por “Líder” ao se dar às graças no recebimento de almoço da organização “Assistência Social Nacional-Socialista”.

No âmbito da educação, como forma de alistamento, Evans (2011) assevera que havia professores que, em aula, apresentavam redações com o seguinte tema: “Por que não estou na Juventude Hitlerista?”. A pressão era de tal modo que o certificado de conclusão de curso poderia ser negado se o jovem não estivesse alistado na organização supramencionada.

No final de 1933, a “Juventude Hitlerista” tinha 2, 3 milhões de jovens entre 10 e 18 anos, bem como destaca Evans (2011). No final de 1935, o número mudou para cerca de 4 milhões. No começo de 1939, 8,7 milhões. Exceto pelos jovens judeus que eram impedidos de frequentar¹², a “Juventude Hitlerista” conseguiu naquela época quase o total da geração mais jovem. Depois do 1º de dezembro de 1936, a “Juventude Hitlerista” tinha o estatuto de instituição educativa oficial. A partir de 25 de março de 1939, o alistamento tornou-se legalmente obrigatório, o que poderia acarretar sanções se os pais não filiassem os filhos - assim surgiam os novos alemães do futuro.

A “Juventude Hitlerista” tinha, tal como Evans (2011) afirma, uma disciplina militar pela qual eram treinados por camisas-pardas adultos. Tinham um treinamento e havia castigos físicos para desobediência, além de tortura e corredor polonês. Como escopo, tinham-se ênfases na habilidade física, embrutecimento, violência e agressividade. Na educação, esses jovens, assim como a Liga de Estudantes Nazistas, hostilizavam professores. Há de se notar, ainda, o alistamento compulsório de jovens na “Juventude Hitlerista” para a aceitação do Terceiro Reich. É importante destacar que, não só para Hitler, mas para vários nazistas, o darwinismo fornecia apoio moral para o infanticídio, eutanasia e genocídio (Weikart, 2021).

Tal como Evans (2012) releva, a doutrinação era tal que Melina Maschmann, jovem da “Liga das Moças Alemãs”, ala feminina da “Juventude Hitlerista”, foi convencida de que a guerra era moralmente justificada. Nessa perspectiva, concebia o Tratado de Versalhes como injusto e legitimava notícias que mais de 60 mil alemães étnicos teriam sido brutalmente assassinados por poloneses no “Domingo Sangrento” de Bromberg.

Com efeito, não é surpreendente ter havido um projeto para arianizar a cultura alemã. Prova disso é o que traz Denis (2014) de que Lutero, Dürer, Goethe, Beethoven, Wagner e Nietzsche foram nazificados, com ressalvas para Beethoven que não foi muito bem aceito devido ao seu corpo e à cor de pele, visto por alguns como sangue impuro. Além disso, Sócrates, Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rembrandt, mesmo que não alemães, eram percebidos como expressões do espírito germânico. Isso com base nos artigos do “Observador do Povo”¹³, jornal do

¹² Ávila (2019, p. 29) pondera que, durante a Alemanha nazista, era comum encontrar discursos afirmando que todo judeu era um parasita que envenenaria e impediria a evolução da raça ariana mítica.

¹³ Tal como Denis (2014, p. 42) permite compreender, o jornal afirmava que os ideais nazistas eram fundamentais na tradição artística e intelectual do Ocidente e que importantes criadores e obras do mundo antigo e do Romantismo compartilhavam princípios similares. O objetivo era representar figuras proeminentes da arte como tendo origem germânica ou ariana, e seus trabalhos representando a cultura nórdica, de forma bastante etnocêntrica. Esses artistas eram vistos como

NSDAP, maior veículo de circulação da Alemanha. Nesses casos, haveria um intercâmbio do sangue ariano que propiciaria a criatividade para essas obras.

Esse princípio consiste em considerar que esses artistas teriam uma herança racial apropriada com uma origem racial pura, de modo que pudessem participar da comunidade germânica. Nesse aspecto, o próprio Shakespeare foi incluído no Valhala de criadores nórdicos. O líder da “Juventude Hitlerista”, Baldur von Schrach, “[...] se referiu a Shakespeare (1564-1616) como um gênio nórdico, que, situado entre Dante e Goethe, tinha uma posição de ‘lutador, pela bravura e lealdade’” (Denis, 2014, p. 52). Por certo, não é possível irrelevante a posição anti-intelectual nacional-socialista, pois tinham uma posição pedantista diante da cultura calcada na ideia de herança sanguínea.

Diante disso, a pesquisa histórica interessa aqui para a compreensão da constituição do nazismo e, mais particularmente, da Juventude Hitlerista. Os aspectos históricos levantados, especificamente, o alistamento de novos membros e a doutrinação da crença na superioridade racial são acionadas no trabalho de cotejo dos enunciados coletados no fórum *Stormfront*, eleitos para o presente estudo. Na seção posterior, analisam-se os fundamentos para o estudo da linguagem e do discurso com base em Bakhtin (2015, 2016, 2017, 2018), de Volóchinov (2018, 2019) e Medviédev (2016) com foco nos conceitos de enunciado, interação discursiva e imagem.

2. Enunciado e imagem: construções do eu a partir do outro

Para estudar o enunciado postagem do fórum digital *Stormfront*, considera-se sua ação responsiva de diálogo com a história e a sociedade no que diz respeito ao tema do (neo)nazismo. Para estes analistas do discurso, a partir dos enunciados que compõem uma dada comunicação discursiva, ecoam diálogos e sentidos que assinalam para uma memória do objeto que se enuncia. Nesse sentido, as respostas possíveis a respeito do jovem neonazista brasileiro, ou seja, os enunciados por vir, reverberam os processos históricos e sociais que apontam que todo e qualquer enunciado se vincula a um acontecimento social de linguagem. Assim, com amparo em aspectos históricos estudados nas contribuições historiográficas sobre a Juventude Hitlerista levantados na seção anterior, objetiva-se, aqui, apresentar os subsídios teóricos e metodológicos para a análise dos enunciados eleitos para este estudo.

Ao tratar da construção da imagem, Bakhtin (2018) tem como fundamento o estudo da personagem na poética de Dostoiévski. O filósofo da linguagem frisa que não são os traços da realidade que formam os elementos constituintes da imagem da personagem, “[...] mas o valor de tais traços para ela mesma, para a sua autoconsciência.” (Bakhtin, 2018, p. 53). Nesse sentido, importa saber que a personagem possui “qualidades objetivas estáveis”, quer dizer, uma posição social, tipicidade sociológica e caracterológica, uma aparência externa que são objetos de reflexão em sua autoconsciência.

Nessa discussão sobre a construção da imagem e autoconsciência da personagem, a concepção bakhtiniana de ideia pode ser contemplada no campo da

inovadores e com uma função nacionalista por provirem da “raça germânica” - alemã, ariana ou nórdica.

vida, não se restringindo a uma consciência individual, mas sendo compartilhada por dois indivíduos no mínimo. Constituídas de relações dialógicas, a ideia-minha e ideia-outra renovam-se ao encontrar expressão verbal, gerando novas ideias. Assim, Bakhtin (2018) salienta que o pensamento humano só é autêntico ao estar em contato com o pensamento dos outros, porque, em sua proposta filosófica, é no encontro entre vozes-consciências que nasce a ideia.

Ao avançar na questão do conceito de ideia, compreende-se que a questão da construção da imagem relaciona-se com os processos de interação discursiva, pois a língua está em um processo baseado na interação dos falantes (Volóchinov, 2018). Desse modo, a ideia pressupõe avaliação, compreensão e resposta, já que, como acontecimento vivo, é o terreno interindividual entre pelo menos duas consciências. Nesse eixo, entende-se que a construção da imagem do eu é realizada por meio do contato com o outro, pois somente por meio da interação com o outro, o eu toma consciência sobre si mesmo. (Bakhtin, 2017, p. 109-112). Logo, é possível haver a imagem de uma ideia no contexto da interação discursiva que expressa aspectos históricos de um determinado grupo social situado em um dado tempo-espço.

O acontecimento social da interação discursiva, por intermédio do enunciado ou entre enunciados, é a realidade efetiva da língua (Volóchinov, 2017, p. 218-219) e pressupõe o outro. Por isso, a ideia precisa de uma materialidade para se manifestar, o que propicia uma discussão sobre a concepção de palavra. Volóchinov (2019) concebe que a palavra não pode ser apartada do campo da vida – para Medviédev (2016, p. 213), o conceito de vida diz respeito a um conjunto de objetivações éticas, cotidianas e práticas, socioeconômicas e filosóficas –, pois, se assim fosse, seu sentido se esvaziaria.

Medviédev (2016, p. 185), explica que a “[...] a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros.”. Todo e qualquer enunciado é parte da realidade social da comunicação, uma vez que seu sentido “[...] possui um significado histórico e social [...]”, além de sua realização, sob dadas circunstâncias (Medviédev, 2016, p. 183). As avaliações – com suas diferentes dimensões ideológicas, como o estético, o ético, o político, o cognitivo – constituem a palavra, renovando seu sentido na interação discursiva, pois a língua é “[...] *produto da atividade coletiva humana* [...]” (Volóchinov, 2019, p. 248, grifos do autor).

Sob essa perspectiva, o contexto extraverbal que constitui a palavra é formado por: i) horizonte espacial comum; ii) conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois; iii) avaliação comum da situação. O horizonte semântico comum é permeado por subentendidos, com suas entonações que traduzem as avaliações ideológicas. Compreende-se que, tão logo, o enunciado concreto, permeado por palavras, constitui-se de uma dimensão linguística – o entendido, o dito, o significado – e extralinguística – o subentendido, o não dito, o sentido.

O horizonte semântico do enunciado se insere no pequeno e no grande tempo, pois pode haver o subentendido de uma época, de um movimento, de uma organização de indivíduos. Nesse viés, é importante ressaltar que a entonação faz com que a palavra possa superar o limite do verbal, constituindo-a daquilo que é dito e não dito. Tal como assinalado, a entonação possui uma dimensão individual, mas também social. “A avaliação soa já na entonação do grito humano não

articulado, e essa entonação ligada a toda a situação do grupo dá sentido a ele. O grito humano é social. Ele se queixa, implora por ajuda, informa, ameaça, amedronta etc. [...]” (Volóchinov, 2019, p. 223). Diante disso, há de se ater ao auditório social para o qual o “grito” está dirigido.

É na comunicação discursiva que são elaborados os enunciados, que correspondem a variados tipos de comunicação social. O enunciado é um acontecimento vivo, um elo da comunicação social, levando em consideração um ouvinte, compreensão e resposta. “Essa orientação para o ‘outro’, para o ouvinte, pressupõe inevitavelmente a consideração da inter-relação sócio-hierárquica que existe entre os interlocutores.” (Volóchinov, 2019, p. 280). Assim, essa orientação social influencia a estrutura estilística do próprio discurso.

Sobre os elementos constituintes do enunciado – som, palavra, ritmo, forma, conteúdo, estilo –, é crucial tratar da noção de gênero. De acordo com Medviédev (2016), cada gênero apreende, tematicamente, a realidade à sua forma. Ele possui uma dupla natureza, a propósito, porque se dirige para a vida e ainda para um auditório social. Sobre a primeira orientação (mais externa ao gênero), poderia ser acrescentado que se dirige para a vida, no que tange ao tempo, espaço e esfera ideológica a que o gênero está engendrado. O direcionamento para a vida também engloba o auditório, porquanto se instaura necessariamente a presença do outro ao se mobilizar o enunciado. A segunda orientação é mais interna ao gênero e se refere aos aspectos constitutivos que envolvem a ação típica de linguagem, ou seja, seus aspectos composicionais, estilo do locutor e do próprio gênero e a esfera da atividade envolvida. Essa orientação mais interna não exclui a vida. A primeira orientação e a segunda são interdependentes.

O enunciado é considerado “[...] um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (Bakhtin, 2017, p. 272), pois responde a outros enunciados também situados sócio-historicamente. Nesse ponto de vista, o enunciado expressa uma determinada situação de linguagem conectada às condições materiais da vida social dos sujeitos na comunicação discursiva. Assim, ao estudar o discurso neonazista a partir do gênero fórum digital (*Stormfront*), considera-se o enunciado postagem e sua possibilidade de cotejo dos processos históricos da Juventude Hitlerista na constituição da imagem do jovem neonazista brasileiro que enuncia.

O cotejo de enunciados pode ser considerado um recurso metodológico, uma vez que “Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos.” (Bakhtin, 2017, p. 400), pois “[...] O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto).” (Bakhtin, 2017, p. 401). Para analisar a possibilidade do enunciado postagem ser resposta para outros enunciados, aqui, com a pesquisa historiográfica realizada sobre a Juventude Hitlerista, reconhece-se, através do cotejo, a “[...] reapreaciação em um novo contexto [...]” e “[...] um dado texto, o movimento retrospectivo – contextos do passado, movimento prospectivo – antecipação (e início) do futuro contexto.” (Bakhtin, 2017, p. 401). Compreende-se que o enunciado participa da vida e seu modo de funcionamento depende das correlações possíveis com outros enunciados, neste estudo, especialmente, com os processos históricos do (neo)nazismo.

Por fim, concebe-se o enunciado postagem como materialidade do discurso neonazista, que pode ser examinado também em sua arquitetônica, ou seja, na

organização espaço-tempo-sentido (Bakhtin, 2017), de modo que a pesquisa historiográfica da Juventude Hitlerista (Denis, 2014; Evans, 2010, 2011, 2012; Weikart, 2021) ecoe nas imagens produzidas pelos usuários brasileiros que enunciam no fórum *Stormfront* na contemporaneidade. Compreende-se que as imagens produzidas no enunciado postagem do fórum digital podem expressar traços históricos, políticos e sociais que reverberam outro espaço-tempo-sentido, tal seja o discurso nazista da Juventude Hitlerista. A seguir, analisam-se os três enunciados postagem coletados do fórum *Stormfront*.

3. Enunciado postagem neonazista em seus cotejos históricos

No fórum *Stormfront*, no dia 11 de agosto de 2010, o usuário autodenominado Ian Smith¹⁴ postou o seguinte texto: “Novos Membros! Apresentem-se neste tópico”. Como resposta avaliativa, diversos usuários, expressamente filiados ao discurso nazista, posicionam-se revelando suas idades, cidades e seus projetos políticos de sociedade. Em suas postagens, inicia-se um embate de imagens sobre jovens brasileiros que reivindicam o nazismo, expressando posições raciais/hierárquicas acerca de questões que transitam em diferentes campos da vida em distintos espaços-tempos. Tendo isso em vista, foram escolhidos três enunciados postados por jovens com idades de 19, 17 e 16, respectivamente, que, no cotejo com aspectos históricos do discurso nazista da Juventude Hitlerista, podem ser vistas semelhanças. Como traços espaciais, apontavam para seus estados e a relação culturais com eles, de acordo com o primeiro enunciado postagem transcrito a seguir:

Sou relativamente novo, então vou me apresentar. Tenho 19 anos, nasci em uma pequena cidade do RS, antigamente povoada principalmente por alemães... mas hoje em dia está sendo destruída por outras raças, principalmente pelos negros. Sou 5/8 alemão e 3/8 polonês, como diz minha assinatura... Vou morar na Alemanha daqui 3 anos, quando me formar no curso de engenharia elétrica que faço, já tenho cidadania alemã. Mesmo sabendo que ela está se tornando uma escrava dos judeus, ainda é melhor que o Brownzil, que somos vistos como errados, apenas por sermos brancos. Sou um racista moderado, e um racista convicto. Acredito que outras raças são diferentes, e deveriam estar bem afastadas do homem branco! Não os odeio, até mesmo respeito e admiro alguns asiáticos, como os japoneses. Meu maior sonho é morar num país branco, com costumes brancos, e sem as pragas da atualidade, como os homossexuais e outras libertinagens. Espero que gostem de mim (Edgestorm, 2010, n.p.).

No enunciado, o usuário autodenominado Edgestorm se apresenta como novo no fórum, afirma ter 19 anos, nascido em uma cidade do Rio Grande do Sul que, outrora, teria sido “povoada principalmente por alemães... mas hoje em dia está sendo destruída por outras raças, principalmente pelos negros”. Essa oposição

¹⁴ É importante explicitar que os usuários não usam seus nomes verdadeiros e se escondem por trás de pseudônimos para não serem identificados.

entre “povoada principalmente por alemães” (positivo) e a ideia de que atualmente a cidade estaria sendo “destruída por outras raças, principalmente pelos negros” (negativo) vincula-se à ideia de “social-darwinismo racista” (Weikart, 2021, p. 315), que considera a sociedade subdividida entre raça superior (no caso do enunciado em análise, os alemães, brancos) e raça inferior (“outras raças, principalmente pelos negros”). Nesse sentido, o sujeito posiciona-se contrário à existência de “outras raças, principalmente [os] negros”, sob a justificativa de que “destróem sua cidade natal”, de modo que não é explícito como ocorre essa “destruição”.

Ao se afirmar “5/8 alemão e 3/8 polonês”, o sujeito cria uma imagem de superioridade com base na sua pretensa origem da raça branca. Assim, o jovem posiciona-se como pertencente a uma origem incontestável, colocando seu nome/sobrenome/filiação (“como diz minha assinatura”), de maneira a legitimar sua origem e, conseqüentemente, sua superioridade racial, para o efeito de evidência de que não pertence a outras raças que julga inferiores.

O jovem prossegue afirmando que morará na Alemanha dentro de 3 anos, ou seja, em 2013, após se formar no curso de graduação em Engenharia Elétrica, pois já possuiria cidadania alemã. Declara que esse país estaria se tornando escravo de judeus (presença do discurso antissemita), mas, mesmo assim, seria melhor do que o Brasil. Ao se referir ao seu país natal, faz um trocadilho entre a palavra em inglês *Brown* (Marrom) e Brasil, construindo um neologismo, que é, a propósito, muito usado no movimento neonazista para indicar que o Brasil é um país miscigenado e, por isso, um lugar ruim para se viver. Com isso, o sujeito se distancia do orgulho nacionalista ao indicar um projeto de vida na Alemanha, negando a possibilidade de viver no país que nasceu. Ao mesmo tempo, ao enunciar na primeira pessoa no plural (“somos vistos como errados, apenas por sermos brancos”), seu posicionamento apoia-se em valores compartilhados pelos participantes do fórum com referência ao princípio da unidade étnica do povo germânico, com a finalidade de elevar orgulho de ser branco, desconsiderando a identidade do que seria ser brasileiro.

Ao se posicionar no enunciado como um “racista moderado” e “racialista convicto”, o sujeito produz sentidos atinentes ao entendimento de que a espécie humana seria separada por raças. Ainda, tais raças teriam relações de força de superioridade e de inferioridade a elas adjacentes devido a características sociobiológicas e, por conseguinte, ressalta que as pessoas pertencentes a outras raças, que não sejam brancas, “deveriam estar bem afastadas do homem branco”. Depois, entra em divergência consigo mesmo ao sustentar que não odeia e, com efeito, “até” admira “alguns asiáticos, como japoneses” e, na sequência, enuncia que seu sonho é viver em um país branco, com costumes brancos¹⁵, excluindo-se “as pragas da atualidade como os homossexuais e outras libertinagens”. Logo, entende-se que, ao homem branco, combinaria a heterossexualidade (presença do discurso homofóbico). Por fim, termina desejando que gostem dele.

Ao posicionar-se em um determinado espaço-tempo no enunciado em análise, o sujeito indica uma “pequena cidade do RS”, sendo que essa escolha reflete o contexto de legitimação de sua posição social de superioridade racial e

¹⁵ Para Andrade (2016, p. 7), “A concepção de cultura é vista apenas por um ângulo, a concepção de cultura germânica que Adolf Hitler tentou empregar, ou seja, o Arianismo e a segregação racial”.

sexual. No Brasil, o Rio Grande do Sul é um estado referenciado pela ideia de ascendência branco-europeia com os esteriótipos arianos – loiro, olho azul/verde, branco, macho, heterossexual. Nesse espaço da cidade, haveria em seu tempo um conflito racial, trazendo uma oposição de valores estereotipada entre puro *versus* impuro, que, em outro tempo, não haveria, porque teria sido povoada por alemães.

Nesse aspecto, criam-se vínculos históricos, biológicos e culturais com essa localidade, sendo o enunciado marcado pela linguagem eugênica, saudosista e racista, porquanto idealiza no passado de uma cidade um arauto de pureza, que, no presente, estaria sendo ameaçado. Tal é o discurso que representa o movimento neonazista gaúcho, mas também internacional. Conforme Weikart (2021, p. 310), o nazismo considerava a superioridade ariana biológica, cultural e moral, pois Hitler “[...] constantemente enfatiza[va] as suas contribuições para a cultura, que acreditava estarem associadas às suas características biológicas.”

Sob essa perspectiva, ao mobilizar a ideia de percentual de descendência “5/8 alemão” e “3/8 polonês”, o sujeito que enuncia posiciona-se a partir da pseudociência, afirmando a perspectiva de que sua raça ariana pode ser calculada, ou seja, comprovada por dados. É uma forma de se diferenciar do ser brasileiro, miscigenado, uma vez que se coloca como superior. Essa linguagem pseudocientífica não pode ser provada, mas, como já mencionado, propicia um efeito de evidência na interação discursiva com outros participantes do fórum. Assim, com esses elementos objetivos em si, cria a imagem de ser superior, legitimando a raça branca como distinta do que é impuro, de negros. Nesse contexto, a ideia de “cidadania alemã” corrobora os sentidos de pureza e de superioridade racial, além de “racismo moderado” e “racialista convicto”, reforçando uma hierarquia valorativa de superioridade e inferioridade que, no enunciado, apresenta-se contrastada por Alemanha (brancos) e Brownzil (negros).

Alfim, à moda do nazismo alemão, o sujeito que enuncia no fórum apresenta um projeto étnico-racial de país: “Meu maior sonho é morar num país branco, com costumes brancos, e sem as pragas da atualidade, como os homossexuais e outras libertinagens”. Para Andrad e Heck (2016, n.p.), essa questão pode significar que:

O princípio do sangue é mais uma demonstração das possíveis atrocidades que os novos nazistas prometem. A defesa do sangue e dos genes será mais um capítulo em busca da ‘limpeza’, onde o extermínio dos doentes e dos ‘inferiores’ será em nome da ‘salvação mundial’ tudo em busca do aperfeiçoamento, da eugenia (Andrad, Heck, 2016, n.p.).

Sob a perspectiva em que o indivíduo se identifica com a etnia branca europeia em busca da eugenia, pode-se anotar que a expressão “pragas” supracitada no enunciado em análise refere-se à eliminação de todos os grupos historicamente marginalizados. Essa ideia de calamidade ou desastre coletivo de grande magnitude é gerada pela crença de que pessoas negras e homossexuais não seriam consideradas seres humanos e, portanto, poderiam ser eliminadas como se fossem pragas. Ao pertencer a essa juventude, o sujeito ressignifica a imagem de um “racista convicto” que expressa viver em um tempo conturbado porque se sente ameaçado por negros (Brasil) e judeus (Alemanha). Com isso, demonstra o

desejo (“meu maior sonho é morar num país branco, com costumes brancos...”) de eliminar esses indivíduos de seu convívio (“...e sem as pragas da atualidade, como os homossexuais e outras libertinagens), a tal ponto que seu país seja a realização do neonazismo, considerando o espaço-tempo-sentido, ou seja, a arquetônica do enunciado.

O segundo enunciado para a análise foi postado em 27 de março de 2011 pelo usuário que se identifica como Mkeifer e se apresenta conforme transcrito a seguir:

Saudações amigos, sou natural de Caxias do Sul (RS) atualmente moro em Santa Maria (RS), tenho 17 anos e não suporto mais ficar reprimido diante de tamanhos absurdos que acontecem em frente aos olhos de todo mundo, sou descendente de italianos e alemães. Esses dias mesmo fui reprimido em plena sala de aula por uma professora que estava questionando as cotas para negros em universidades, ela não quer que eu assista mais suas aulas, meu pai acha um absurdo o que ela fez comigo, mas minha mãe no entanto ficou decepcionada comigo. Então a resposta para minha mãe veio em poucos dias, foi assaltada por um bando de pivetes negros em pleno centro, mas mesmo assim ela não quer dar o braço a torcer e admitir que eu estou certo. Mas podem ter certeza, nunca deixarei esses imundos que apoiam os negros em qualquer coisa passarem por cima de mim. Poder Branco acima de tudo (Mkeifer, 2011, n.p.).

O sujeito com 17 anos se apresenta como natural de Caxias do Sul, morando em Santa Maria, ambas cidades do Rio Grande do Sul. Todos esses elementos contribuem para a interpretação que o adolescente possui as seguintes características físicas: branco, cabelos loiros, olhos azuis, reforçadas com a afirmação “sou descendente de italianos e alemães”, formando sua imagem. Outro elemento que forma sua imagem é revelado quando assevera ter havido um conflito entre ele e a professora sobre o tema das cotas nas universidades. O jovem afirma ter sido reprimido em sala de aula, ao que parece, por se posicionar contra as cotas para negros. Tudo indica que a professora seria favorável ao acesso étnico-racial nas universidades e ele, por ser contrário, teria sido reprimido, sendo que afirma que a professora não quer mais sua presença nas aulas dela. Todos esses elementos contribuem para a construção da imagem de um adolescente neonazista branco que se posiciona como injustiçado.

Essa imagem transita tanto no campo escolar (“Esses dias mesmo fui reprimido em plena sala de aula por uma professora que estava questionando as cotas para negros em universidades...”) quanto no campo familiar (“minha mãe... ficou decepcionada comigo”), apesar do pai ter ficado ao lado dele (“meu pai acha um absurdo o que ela [a professora] fez comigo”). O pai ter ficado indignado com a situação reforça a imagem do jovem neonazista branco injustiçado, que não tem o direito de se posicionar e que é constantemente censurado por dizer o que pensa, porquanto significa que alguém (o pai) o compreende, assim como compreende o “absurdo” que é censurá-lo.

A imagem do jovem neonazista branco injustiçado se desdobra na busca por justiça para si, por meio da vingança diante de quem o censura (“...minha mãe no

entanto ficou decepcionada comigo. Então a resposta para minha mãe veio em poucos dias, foi assaltada por um bando de pivetes negros em pleno centro...”); o vingar-se, no caso, foi com a mãe. O injustiçado busca quem ateste a injustiça praticada (no caso, é a figura do pai) ao mesmo tempo em que busca vingar-se de quem não concorda com seus posicionamentos (no caso, a mãe), mas que mesmo experienciando o assalto não dá “o braço a torcer” para admitir a tese racista do filho de relacionar a negritude à criminalidade.

No enunciado em estudo, verifica-se que o espaço (o centro da cidade) reflete uma batalha entre brancos *versus* negros pela hegemonia ideológica, urbana etc., que coloca em contraste as seguintes questões do passado: a descendência europeia, a escravidão, o futuro com o fracasso/sucesso da supremacia da “raça branca ariana”, a Juventude Hitlerista, entre outras. Weikart (2021, p. 309) afirma que: “Hitler, portanto, redefiniu a humanidade, privando indivíduos de quaisquer direitos e argumentando que a destruição do fraco pelo forte é humana.”. É parte da campanha hitlerista de aprimoramento moral, retratar nazistas como decentes e corretos membros da sociedade alemã.

Desse modo, a ideia de que os brancos estariam sendo assaltados por negros que aparece neste enunciado sob a forma de vingar-se da figura materna que apoia a população negra é, sobretudo, reivindicada pela organização *White Lives Matter*¹⁶, que defende no *Facebook*, através de postagens, que a criminalidade está cada vez maior devido à imigração do “terceiro-mundo” e dos negros estadunidenses. A linguagem supremacista coloca em polos opostos brancos e negros, desconsiderando que a sociedade é diversa e coletiva, sendo que todas essas questões do passado podem ser consideradas no cotejo deste enunciado e relacionadas entre si na constituição do discurso neonazista que circula em diferentes mídias digitais, de modo geral.

Mesmo demonstrando ser injustiçado pela mãe e pela professora, o sujeito resiste quando enuncia: “Mas podem ter certeza, nunca deixarei esses imundos que apoiam os negros em qualquer coisa passarem por cima de mim”. Ao mobilizar para seu projeto arquitetônico a palavra “imundo” para quem apoia a população negra (incluindo sua mãe e sua professora), produz sentidos vinculados à sujeira ao mesmo tempo que constrói a imagem de impureza com um tom de xingamento. Ao final, marca sua posição com palavras de ordem para evocar a supremacia branca quando assevera “Poder Branco acima de tudo”, expressa pela relação étnico-racial de superioridade branca e inferioridade negra.

Quando inicia seu enunciado com o vocativo “Saudações amigos”, o sujeito que enuncia tenta construir a imagem de uma pessoa amigável no grupo, que compartilha os mesmos valores. Nesse sentido, a cidade natal “Caxias do Sul” sugere a ideia de pureza branca, o que pode ser materializado em muitos outros valores como ser puro, branco, descendente de europeu, superioridade étnico-racial, supremacia branca no contexto do fórum *Stormfront*. Há uma intenção em

¹⁶ Esta organização foi criada em 2015 dentro do movimento neonazista. É uma resposta racista ao *Black Lives Matter*. Tal organização tem vínculos com organizações de pró-arianismo e, com elas, fazendo panfletagem neonazista, hostilizando minorias e tentando aterrorizar a população branca (Balleck, 2019). O projeto dessa WLM é o que Michelle (2018) chama de nova segregação racial, porque, enquanto a Klan fala em genocídio abertamente, a WLM prevê a prisão em massa da população negra.

revelar a localidade (Caxias do Sul, em especial) no sentido de ser aceito pelo grupo. No discurso neonazista é comum, para o populismo, a construção de um inimigo, o que é figurado pela “professora” e pela “mãe”, duas mulheres, segundo o jovem que enuncia, “imundas”, pois “apoiam os negros”. Nesse sentido, junto ao populismo, o discurso patriarcal também auxilia na construção do enunciado. Perscruta-se que, na arquitetura do enunciado (relação tempo-espaco-sentido), o ponto de vista do branco oprimido por ser branco configura-se como eixo nodal para o sujeito posicionar-se pela supremacia branca (“Poder Branco acima de tudo”).

O terceiro e último enunciado postagem do fórum *Stormfront*, postado no dia 16 de agosto de 2010, indica ter sido realizado por uma adolescente de 16 anos, que se identifica como Ymaciel, conforme transcrição a seguir:

Tenho 16 anos, nasci no Hell de Janeiro e comecei a me interessar por assuntos relacionados a minha raça a pouco tempo. Sou nova no assunto, portanto, aceito ideias e informações de outras pessoas. Bem, aqui no Rio é um inferno mesmo, sorte que eu me mudei para uma cidade litorânea mais tranquila e com o clima mais ameno (o calor do RJ, ninguém merece, sou "alérgica" a calor e amo frio). Aqui me sinto um pouco deslocada dessa juventude perdida, embora tenha vários amigos, porque afinal sou uma das únicas que tem o hábito de ler e me interesse por assuntos que a maioria dos jovens acha "careta" ou chato, mas não mudo meu jeito de ser. Não sou nazista, mas sou contra a miscigenação e a favor do orgulho racial (Ymaciel, 2010, n.p.).

A usuária revela que nasceu no Rio de Janeiro, em suas palavras “Hell de Janeiro”, e declara ter interesse por assuntos referentes à sua raça (“comecei a me interessar por assuntos relacionados a minha raça”), propondo que, como é novata, está disposta a receber “ideias e informações de outras pessoas”. “Hell de Janeiro” pode ser analisado no enunciado a partir de sentidos de clima de calor intenso da cidade, que se assemelharia a um “inferno” (“hell”, em inglês), ao mesmo tempo em que sinaliza práticas de racismo da usuária (quem fala no enunciado) e de seu grupo do fórum (para quem a usuária fala, seu interlocutor em potencial no processo de interação discursiva).

Ao criticar a cidade do Rio de Janeiro, comparando-a com o “inferno”, a usuária afirma ter sorte por ter se mudado “para uma cidade litorânea mais tranquila e com o clima mais ameno”, já que prefere o frio. Essa relação comparativa entre “calor” e “frio” constrói sentidos que indica que lugares frios são melhores para se viver, portanto, são superiores do que países tropicais, quentes, inferiores, “hell”, habitados por uma diversidade étnico-racial, sendo essa relação baseada no discurso supremacista branco da eugenia que coloca países europeus próprios para habitar pessoas brancas (a exemplo da Alemanha, conforme aparece no primeiro enunciado analisado) como superiores. Na arquitetura do enunciado em análise, compreende-se que “Hell” diz respeito à convivência com diversidade étnico-racial, bem como a cidade de calor intenso, pessoas e condições climáticas encontram-se correlacionadas de modo negativo e inferiorizado pelo discurso eugênico de supremacistas brancos.

Além disso, a ideia de mudança “eu me mudei para uma cidade litorânea” faz com que outro espaço-tempo seja analisado, com outros vínculos sociais, temporais, históricos e espaciais. É válido ressaltar que o espaço “cidade” produz sentidos no enunciado tanto de clima quanto relacionados à miscigenação racial entre brancos e negros, como já destacado anteriormente. Tanto que, pessoalmente, para o interlocutor em potencial do enunciado postagem em análise, há a imagem de uma racista orgulhosa. Tenta-se construir a ideia de ser uma pessoa astuta, curiosa, visto que com 16 anos se interessa por leitura, gosta de ler, o que seria ignorado por outros adolescentes (“sou uma das únicas que tem o hábito de ler e me interessa por assuntos que a maioria dos jovens acha ‘careta’ ou chato”).

Quando a jovem frisa se sentir deslocada em comparação aos demais jovens, uma vez que tem o hábito da leitura e se ocupa por assuntos que “a juventude perdida” não se interessa, constrói a imagem que jovens neonazistas são intelectualizados, leitores e que os demais jovens não. Ao fim e ao cabo, expressa uma contradição ao afirmar não ser nazista, apesar de ser “contra à miscigenação e a favor do orgulho racial”. Há como hipótese, aqui, que a negação “não sou nazista” advém da jovem ser “nova no assunto”, haja vista que o neonazismo tem como base o resgate dos ideais nazistas, ou seja, é “contra a miscigenação e a favor do orgulho branco”, conforme anunciado pela jovem.

Entende-se que, a despeito da afirmação de não ser uma nazista, apresentar-se favorável a pautas desse movimento extremista pode também significar a tentativa de evitar possíveis conflitos. Ao escamotear isso, aponta ser abertamente contrária à miscigenação ao enaltecer o orgulho racial. Essa linguagem leva em consideração um processo de segregação ou autosegregação¹⁷ para evitar encontro com o outro presumido.

Nessa perspectiva, a construção da imagem da jovem em questão reverbera com os pressupostos da Juventude Hitlerista, em especial, com a hostilização de minorias, a crença de superioridade/inferioridade racial e o funcionamento do fórum como um instrumento de recrutamento de novos jovens para a organização neonazista. A idade anunciada pela usuária, “16 anos”, correlaciona-se com seu interesse por buscar informações sobre a própria raça, posicionar-se contrária à miscigenação e à favor do orgulho racial. Averigua-se que a linguagem supremacista representa o conjunto de crenças raciais de superioridade e inferioridade defendido pelo movimento neonazista. Sendo assim, sucede-se um conflito racial do qual participaria cultural e biologicamente¹⁸ essa usuária. O discurso de que “aceita ideias e informações de outras pessoas” ajuda a construir a imagem de que é receptiva e amigável naquele meio social e que está disposta a aprender sobre “assuntos relacionados a sua raça” no fórum *Stormfront*.

¹⁷ Segundo Andrad e Heck (2016, n.p.), o Nacional-Socialismo supostamente pregava o respeito por outras culturas, desde que houvesse respeito por sua própria cultura. Para garantir a sobrevivência dos povos caucasianos, incentivava-se o casamento e outras uniões apenas entre iguais. No entanto, há provas incontestáveis de que o nazismo nunca respeitou diferenças, e a teoria segregacionista foi sustentada pelo medo da diferença.

¹⁸ Consoante Andrad e Heck (2016, n.p.), é importante a reflexão que a teoria da hereditariedade afirmava que a cultura ancestral estava depositada no sangue e que o primogênito adquiriria sua cultura por meio de genes herdados ao nascer.

Logo, averigua-se que o fórum *Stormfront* projeta-se como um instrumento de interação e, conseqüentemente, organização de jovens neonazistas, possibilitando um intercâmbio de valores históricos, culturais e sociais. Trata-se, tão logo, de um espaço digital do extremismo que opera no Brasil, tal como o da Juventude Hitlerista à época da Segunda Guerra Mundial.

Considerações finais

Na Alemanha nazista, durante o período entre os anos de 1933 e 1945, quando o seu governo era controlado por Adolf Hitler e pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) ou, como tornou-se conhecido, Partido Nazista, a Juventude Hitlerista foi estruturada na década de 1930, sendo, sobretudo, uma organização subordinada ao partido. Os jovens que participavam da Juventude Hitlerista obedeciam aos pressupostos da organização, tais como: i) recrutamento de novos jovens; ii) hostilização de minorias como os judeus; iii) doutrinação sobre a crença de superioridade/inferioridade racial; iv) treinamento paramilitar para usos militares. Sob essa perspectiva, esses novos jovens, ao se manifestarem nas redes, ressignificam uma imagem como novos nazistas, orgulhosos, odiadores de minorias, injustiçados por serem brancos. Por meio do processo de interação discursiva apercebido no fórum *Stormfront*, seus usuários buscam estabelecer novos vínculos, considerando, inclusive, sua posição sócio-hierárquica no grupo.

Alguns dos pressupostos da organização nazista Juventude Hitlerista da década de 1930 supramencionados podem ser apreciados no cotejo dos processos históricos (sociais, políticos e ideológicos) das pesquisas realizadas sobre a organização em três enunciados postagem coletados no fórum digital neonazista *Stormfront*. Dentre os pressupostos nazistas da Juventude Hitlerista abordados neste trabalho, pode-se distinguir nos enunciados postagem analisados, em especial: i) a hostilização de minorias com foco na questão dos grupos interracialis (negros e judeus) e da sexualidade (homossexuais); ii) a crença dos sujeitos que se posicionam nos enunciados pela superioridade/inferioridade racial e geográfica; iii) o funcionamento do fórum *Stormfront* como um instrumento de recrutamento de novos jovens para a organização neonazista brasileira contemporânea.

Da Alemanha sob o regime nazista ao Brasil contemporâneo, a análise da construção da imagem dos jovens usuários do fórum digital que se posicionam nos enunciados postagem a partir do discurso neonazista mostra similaridades em relação aos pressupostos nazistas da Juventude Hitlerista. A imagem dos jovens que enunciam no fórum *Stormfront*, podendo ser visualizada nos três enunciados analisados neste artigo, relaciona-se com: i) a figura do jovem injustiçado e oprimido por dizer o que pensa (nunca por ser racista, homofóbico, dentre outros preconceitos e discriminações); ii) projetar-se como superior por ser branco e/ou ter descendência europeia (alemão, polonês, italiano); iii) o lugar que moram (no sul do Brasil; cidade do Rio de Janeiro) é um lugar a ser limpo, higienizado, por isso expressam contentamento ao se mudarem ou desejam morar em outro lugar (Alemanha) manifestando o desejo de viver em um lugar completamente branco; iv) desejar ser aceito pelos outros usuários do fórum, seus interlocutores em potencial, colocando-se à disposição da organização ou como aprendizes.

Nos três enunciados postagem coletados no fórum *Stormfront*, pode-se avaliar o posicionamento dos sujeitos sobre sua cor, raça e descendência, construindo uma imagem que legitima seus lugares no fórum para a interação com os demais membros. Diferentes discursos constituem os enunciados postagem, no entanto, destaca-se especificamente o do supremacismo branco, eugênico, patriarcal e (auto)segregacionista. Perscruta-se, sobretudo, que a palavra extremista racial dirige-se tanto a um aliado quanto a um inimigo, implicando na questão da construção de imagens sob distintas posições que se ancoram nos aspectos históricos da Juventude Hitlerista cotejados.

Reivindica-se, *no e para o grupo* do fórum *Stormfront*, nos enunciados analisados, que o branco encontra-se em um tempo-espço permeado por conflitos raciais e que por isso a necessidade de se fazer valer suas ideias e posicionamentos contrários à diversidade étnico-racial. Sob essa perspectiva, a imagem do jovem racista que sofre racismo reverso também aparece, uma vez que o branco por ser branco sofreria discriminação de negros e de brancos que defendem negros.

Com efeito, o discurso neonazista – assim como o discurso propagandista (Charaudeau, 2010) –, estabelece posições de legitimidade, credibilidade e autoridade com seu interlocutor ao materializar-se em enunciados. Nesse sentido, pode-se examinar, na construção da imagem dos sujeitos que enunciam nos enunciados postagem analisados, os seguintes posicionamentos: i) demonstrar ser amigável ao interagir com os demais membros; ii) realçar vínculos de cumplicidade ao compartilhar valores ideológicos semelhantes; iii) ostentar a descendência fantasiosamente ariana; iv) estampar o lugar em que mora, especialmente se for o caso de ser sulista, para destacar a ideia de descendência branco-europeia; v) apontar o quão injustiçado é pelo suposto inimigo devido ao seu perfil sociocaracterológico – branco, hétero, homem, classe média ou classe alta, sulista ou sudestino; vi) vangloriar-se de ser racista e branco; vii) manifestar o comprometimento por um país totalmente branco; viii) extravasar o quão próximo é dos países europeus; ix) exprimir sua imaginada inteligência e criticidade diante da sociedade “opressora”.

Avista-se que, por meio do cotejo das pesquisas historiográficas sobre o nazismo, nos enunciados postagem analisados, o jovem neonazista brasileiro se projeta em luta e resistente à diversidade cultural, étnica, racial, sexual etc., do país em que vive. O processo de interação no fórum *Stormfront* constitui uma relação de tempo-espço-sentido de ressignificação das relações culturais e históricas que esses jovens experimentam socialmente. Verifica-se também que os jovens que enunciam expressam a imagem de uma nova juventude neonazista que, em um outro tempo-espço (Brasil, país colonizado, miscigenado), seria injustiçada pelo inimigo, as minorias sociais. Assim, na interação discursiva, apaga-se/ignora-se a história de constituição da população brasileira reforçando relações sócio-hierárquicas do passado (ecos da Juventude Hitlerista) de um outro tempo-espço (Alemanha), com a finalidade de, no presente, enfrentar a diversidade étnica, vista como uma ameaça.

É salutar informar que procedeu a denúncia do material estudado. Consoante Andrad e Heck (2016, n.p.), “Além do ciberespço ser um *locus* de promoção da liberdade de expressão e dos direitos humanos, o ambiente virtual também se revela um facilitador de violações de outros direitos fundamentais

pelos fatores anonimato, invisibilidade e sensação de impunidade.” Dessa maneira, esse espaço do artigo científico reflete também uma luta pela democracia e de combate a crimes contra a humanidade.

Ainda, o presente estudo, confronte manifestações de terrorismo racial, corrobora com o horizonte ideológico (político, histórico, jurídico, ético, cultural, social, econômico) da 12^a Conferência Nacional de Direitos Humanos (CNDH – doravante), visto que esta proposta encontra-se fundamentada na defesa da dignidade da pessoa humana como centro axiológico de valores.

Referências

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. Neonazismo, racismo e supremacia racial: a ideologia racial Valhalla 88. *Revista Escrita da História*, v. 1, n. 1, abr./set. 2014. Disponível em: <https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/6/6>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. Valhalla 88: O nacional socialismo brasileiro e sua ideologia política. *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades*, n. 13, nov./mar. 2016. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n13/artigos/valhalla88.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de; HECK, Diana Milena. El grupo Valhalla 88: la construcción de un movimiento nacional socialista en Brasil Fuente. *Pacarina del Sur: Revista de Pensamento Crítico Larinoamericano*, 2016. Disponível em: <http://pacarinadelsur.com/66-dossiers/dossier-21/1508-el-grupo-valhalla-88-la-construccion-de-un-movimiento-nacionalsocialista-en-brasil#resumen>. Acesso em: 28 nov. 2022.

AVILA, Felipe Alves Pereira. *A Editora Revisão e as Representações da Negação do Holocausto no Brasil*. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6925/1/Dissertacao_Felipe_Alves_Pereira_Avila.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BALLECK, Barry. *Hate groups and extremist organizations in America: an encyclopedia*. 1. ed. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2019.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Ideologia e intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo. *Autora: Revista PPGCS UNESP, Marília*, n. 2, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/1172>. Acesso em: 28 nov. 2022.

CARR, Caitlyn. *Intersections of ideologies: comparisons of the Ku Klux Klan, the skinhead movement and white mainstream america*. 2015. 112 f. Dissertação (Antropologia das Artes) - Universidade George Mason, Fairfax, 2015.

CHARAUDEU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato (Orgs.). *Análises do Discurso Hoje*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2010, p. 57-78.

DENIS, David. *Desumanidades: interpretações nazistas da cultura ocidental*. Tradução de João Barata. 1. ed. São Paulo: Madras, 2014.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. 2007. 329 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane*. 2018. 366 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1060866>. Acesso em: 9 fev. 2023.

EVANS, Richard. *A chegada do Terceiro Reich*. Tradução de Lúcia Brito. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

EVANS, Richard. *Terceiro Reich em guerra*. Tradução de Lúcia Brito e Solange Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2012.

EVANS, Richard. *Terceiro Reich no poder*. Tradução de Lúcia Brito. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

GRUPOS neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos, *G1*, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>. Acesso em: 26 mar. 2023.

INGRAO, Christian. *Crer e destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*. Tradução de André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MICHELLE, Alexander. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*. Tradução de Silvio Luiz de Almeida e Pedro Davoglio. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. No submundo do terror e da conspiração no Telegram: a construção estilística do discurso de membros-integrantes da organização Dogolachan, *Revista Heterotópica*, Uberlândia, v. 5, n. 1, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/68020/36265>. Acesso em: 4 out. 2023.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. *Racismo, segregação e morte: análise dialógica do discurso das organizações Ku Klux Klan e White Lives Matter em mídias digitais*. 2023. 222 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2023. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/3d820364b0f22760876025fab7fa0cae.pdf>. Acesso em: 6 out. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

WEIKART, Richard. *De Darwin a Hitler: ética evolucionária, eugenia e racismo na Alemanha*. Tradução de Jonathas Ramos de Castro. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.

Para citar este artigo

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; ROSA, Kelli Machado da; STAFUZZA, Grenissa. Enunciado postagem no fórum Stormfront: a construção da imagem de jovens brasileiros no e pelo discurso neonazista. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 3, p. 178-202, set.-dez. 2023.

Autoria

Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues é licenciado em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Francesa e suas Literaturas) com bolsas de estudos CAPES e FAPERGS e Mestrando em Letras na área de concentração em Estudos da Linguagem com bolsa de estudos CAPES pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. É pesquisador colaborador no Grupo de Pesquisa "Linguagem em Atividades no Contexto Escolar" da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP; no Grupo de Estudos "Pensar os Extremos: Rede Internacional de Estudos sobre Nazismo, Memória e Guerra", da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; no Projeto de Pesquisa "Relações entre Ética, Discurso e Mídias: Pesquisas sob a Perspectiva Dialógica" da FURG. Em seus artigos científicos, capítulos de livro, trabalhos completos e comunicações em Congressos Nacionais e Internacionais, promove discussões atinentes a práticas de campo na Web e análise dialógica do discurso de organizações neonazifascistas de origem brasileira, estadunidense, inglesa, polonesa, húngara e sul-africana. E-mail: rodmaf2@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9695-229X>.

Kelli Machado da Rosa é doutora em Letras, na área de concentração em linguística, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS-CNPq). Possui Mestrado em Letras, na área de concentração em linguística, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS - CAPES). É graduada em Letras pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e possui ainda Especialização em Linguística e Ensino de Português também pela FURG. Possui experiência e desenvolve pesquisa na área de Linguística em interface com as áreas de Comunicação Social, com ênfase em discurso das mídias, Sociologia da Religião, Educação e Filosofia. Atua como pesquisadora colaboradora no grupo de pesquisa Tessitura: Vozes em (dis)curso, sediado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, certificado pelo CNPq. Atualmente, é professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande, atuando na graduação e também no corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL - FURG). Além disso, coordena o projeto de pesquisa "RELAÇÕES ENTRE ÉTICA, DISCURSO E MÍDIAS: PESQUISAS SOB PERSPECTIVA DIALÓGICA", desenvolvido no Instituto de Letras e Artes da FURG. E-mail: klro.rib@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6664-4912>.

Grenissa Stafuzza é graduada em Letras Português e Inglês (2002) e mestre em Estudos Linguísticos (2005) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), pela Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL-UFU). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (2009) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Campus Araraquara, com estágio de doutorado PDEE, financiado pela CAPES, na Université Paris XII - Val-de-Marne, Paris, França (2007). É docente da Universidade Federal de Catalão (desde 2009, ainda campus da Universidade Federal de Goiás), onde atua no ensino, na pesquisa e na extensão, tanto na graduação quanto no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). Realizou estágio pós-doutoral (2017) pelo Programa de Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É líder do GEDIS - Grupo de Estudos Discursivos (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/571924>). Tem experiência na área da Educação com ênfase em Linguística e atua como pesquisadora de discursos, sob a perspectiva de Bakhtin e do Círculo russo (especialmente, Volóchinov e Medviédev), que circulam nas esfera midiática. E-mail: grenissa@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9077-0652>.